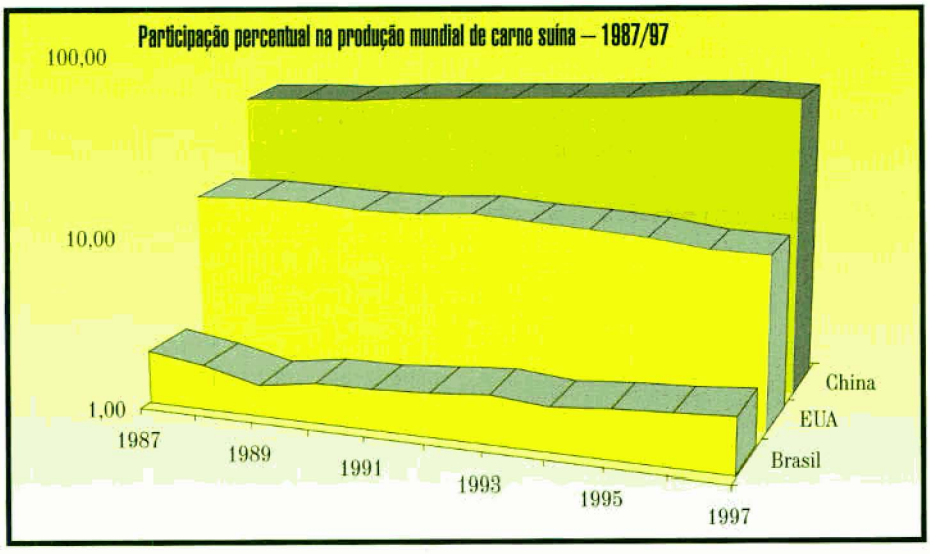


reação rápida da suinocultura no país, dentro de três a cinco anos os investimentos da indústria sejam deslocados para outros pontos do planeta. O NPPC entende que a atividade suinícola terá vantagens comparativas em países onde, ao contrário do que acontece nos EUA, o custo de entrada na atividade seja menos elevado e haja menos restrições ambientais à própria criação. Segundo o NPPC, há áreas fora dos EUA onde existe infra-estrutura – ou potencial de infra-estrutura – favorável à criação, formada pela oferta de grãos e pela disponibilidade de mão-de-obra. A aptidão potencial de outros países para abocanhar qualquer fatia de mercado que os norte-americanos eventualmente deixem de atender, incluindo a sua própria demanda interna, é o maior desafio atual para a atividade nos EUA.

Esta preocupação dos suinocultores norte-americanos se origina do fato de o mercado mundial de carne suína ter características muito peculiares. Primeiramente, um único país – a China – detém cerca de metade da produção mundial, em sua quase totalidade consumida internamente. Ou seja, trata-se de país não só auto-suficiente como também ausente do comércio internacional. Com 20% da produção mundial, a União Européia detém perfil semelhante ao chinês, com uma sobra para vendas não excedente a 5% da produção interna. sendo suas exportações caracteristicamente realizadas dentro de suas fronteiras.

Restam, portanto, os EUA como país grande produtor e maior exportador isoladamente. Por outro lado, seu consumo *per capita* projetado em 28kg para 1997 deverá ser 8,5% inferior ao de 1993, período durante o qual o país passou de deficitário a superavitário no produto.

Segundo o NPPC, a concorrência externa poderia vir da Europa oriental (Hungria, Polônia e Ucrânia), do Canadá, do Brasil e da Argentina, por tratar-se de áreas com disponibilidade de milho para o arraçoamento e onde as restrições ambientais seriam menos profundas do que nos EUA.

Por outro lado, uma rápida retrospectiva da produção suinícola nestas regiões relativamente à última década (o USDA não informa a produção argentina, muito pouco expressiva hoje em dia) mostra que, apesar da sua virtual estagnação em termos da quantidade produzida, a suinocultura brasileira foi a única cuja participação no total mundial aumentou consistentemente durante o último qüinqüênio, e sua evolução acumulada do período foi inferior apenas à chinesa.

E-mail: iragtroc@fgv.br.

CONJUNTURA DO AGRIBUSINESS

C a c a u

Uma história de altos e baixos

THOMAS HARTMANN

Peculiaridades, modelos de cultivo e demais diferenças locais do mercado mundial de cacau estão registrados na segunda parte deste estudo, que traça ainda o início do processo que levou à atual conjuntura.

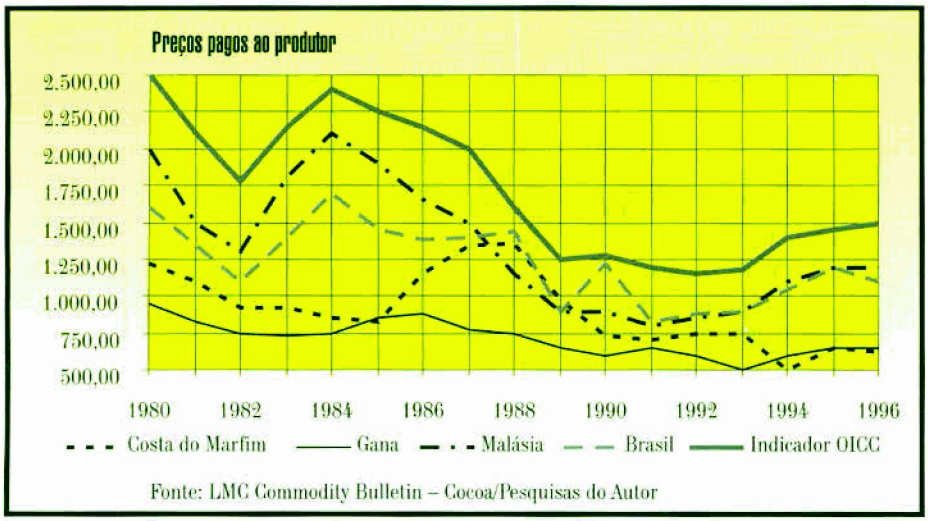
A lei básica da economia, pela qual preços baixos inibem a produção, também se aplica ao mercado mundial do cacau, mas num grau que varia muito de uma região produtora para outra. O cultivo de cacau no mundo é praticado basicamente em três modelos distintos:

- lavouras familiares de subsistência em minifúndios de baixa produtividade e tecnologia;
- propriedades particulares de tamanho médio, operadas com mão-de-obra contratada, de produtividade e tecnologia de médias para baixas;
- grandes plantações administradas por métodos empresariais modernos, de alta tecnologia e produtividade.

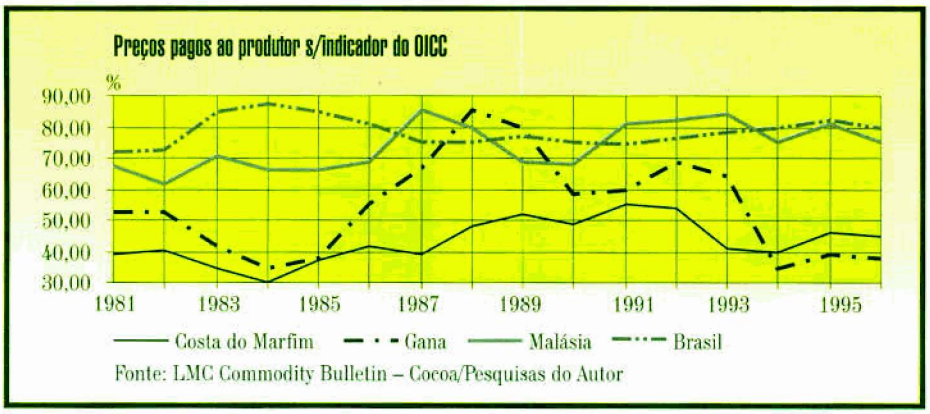
O primeiro modelo predomina quase com exclusividade em todos os países produtores da África e da Indonésia. O segundo é o predominante no Brasil, sobretudo na Bahia. O terceiro caracteriza o padrão mais freqüentemente encontrado na Malásia, na América Central e no Caribe.

Cada modelo de produção e cada região reagem às oscilações dos preços de maneira diferente.

O lavrador africano vive em condições de semi-selvageria, produz em suas lavras



Fonte: LMC Commodity Bulletin – Cocoa/Pesquisas do Autor



Fonte: LMC Commodity Bulletin – Cocoa/Pesquisas do Autor

minúsculas praticamente tudo do que necessita para sua subsistência e planta o cacau como seu *cash crop*, aquele que lhe proporciona recursos para comprar os poucos artigos de sua necessidade produzidos por terceiros e alguns itens de luxo rudimentar, cujo símbolo maior é uma bicicleta. As oscilações de preço praticamente não afetam o volume de sua produção, que sobe e cai exclusivamente em função de fatores da natureza. Por sinal, ele mal sente as altas e baixas do mercado, pois recebe preços fixados pelo governo, cujo valor não tem relação com o mercado mundial. Como mostra o gráfico 2, Gana e Costa do Marfim pagam a seus produtores valores equivalentes a 30%-60% do preço mundial (medido pelo indicador OICC), elevando o percentual quando a cotação for mais baixa e reduzindo-o nas altas. (O pico dos percentuais na Costa do Marfim entre 1987 e 1992 foi atípico, provocado por erros de cálculo da Caixa de Estabilização, estatal encarregada da comercialização, que quase causaram sua bancarrota.) Por conseqüência, a queda dos preços não teve efeito perceptível sobre o volume da produção africana, como previsivelmente sua alta tampouco se fará sentir de forma substancial, salvo se provocar novamente uma forte expansão da área plantada. Entretanto, há dúvidas a respeito da existência de reservas de terra ainda disponíveis com características apropriadas para o plantio de cacau e, de qualquer forma, o aumento da produção resultante de uma expansão da área plantada iniciada hoje só começaria a produzir efeitos a partir de 2003/04.

Na África, as oscilações de preço praticamente não afetam o volume da produção de cacau, que sobe e cai exclusivamente em função de fatores da natureza.

O nível do padrão de vida do lavrador na Indonésia está possivelmente ainda abaixo do africano (renda mínima mensal menor que US$40,00). Por outro lado, a política liberal de comercialização faz chegar a ele perto de 90% do valor FOB do cacau (depreciado devido à baixa qualidade), correspondendo a 70-75% do preço da OICC, substancialmente acima da receita do produtor africano. Nessas condições, até mesmo os preços baixos dos anos 1991/92 ainda eram atraentes para a lavoura local. Sua produção continuou se expandindo em ritmo constante e tudo indica que prosseguirá assim.

No outro extremo, as agroempresas proprietárias de plantações na América Central e na Malásia reagiram de forma radicalmente diversa. Enquanto os produtores do nosso continente não mostraram reação maior à queda dos preços, mantendo sua produção inalterada, ou mesmo ligeiramente ascendente durante todo o período, a Malásia teve uma queda dramática na sua produção. No caso dos produtores centro-americanos e do Caribe, o autor não chegou a pesquisar as causas do comportamento, já que se trata de fontes produtoras de pequeno porte, em sua maioria voltadas para o abastecimento do seu próprio mercado interno, portanto, sem influência sobre o quadro mundial. Já na Malásia, a queda foi conseqüência de uma decisão empresarial. No momento em que o cacau deixou de produzir um retorno desejado, ele foi substituído por culturas mais rentáveis. Dezenas de milhares de hectares de plantações de cacau foram erradicadas na Malásia e substituídas principalmente pela palmeira do dendê. Uma evolução reversa pode ocorrer se os preços voltarem a ser atraentes, mas seus efeitos sobre a produção – mesmo considerando o ciclo mais curto das variedades híbridas utilizadas na Malásia – só começarão a surgir cinco anos adiante.

Os mais atingidos pelo mercado em baixa eram os produtores brasileiros, principalmente os da Bahia. Seu modelo de propriedades médias baseadas em mão-de-obra assalariada tem custos muito mais altos do que as lavouras de subsistência, em boa parte em função do padrão de vida infinitamente mais elevado do próprio agricultor. Por outro lado, sua tecnologia é inferior à das agroempresas e sua capacidade de investimento virtualmente zero. Ao mesmo tempo da queda dos preços, a região cacaueira da Bahia (responsável por mais de 80% da produção do Brasil) foi

atingida por outros dois flagelos: a doença de fungo chamada vassoura-de-bruxa, que debilita os pés de cacau e inutiliza sua produção, e uma seqüência de quatro anos ininterruptos de clima desfavorável à produção de cacau. O resultado foi a queda vertiginosa da produção nacional e uma crise que arrasou a economia do Sul da Bahia. Por outro lado, a produção brasileira reagirá intensamente à alta dos preços, mesmo que essa reação só se faça notar dois a três anos após a ocorrência da alta, tempo necessário para a recuperação das lavouras total ou parcialmente abandonadas. Quanto mais vier a tardar o início da alta dos preços, maior será a demora no aumento da produção, que pode mesmo ficar comprometido, à medida que a falta de tratos resultar na deterioração irreversível das plantações, como já vem acontecendo em volume crescente. A cacauicultura na Bahia é um tema complexo o bastante para não caber no escopo deste estudo.

O gráfico abaixo mostra a evolução das safras mundiais de cacau nos últimos 18 anos, com detalhes dos principais países produtores. O início da série estatística foi escolhido para coincidir com o momento em que se iniciou o processo que levou à atual conjuntura.

Cacauicultor e consultor de empresas. Titular da Coluna de Cacau, *publicada semanalmente no suplemento agrícola do jornal* A Tarde, *de Salvador.*

E-mail: cacauth@svn.com.br

© Thomas Hartmann 1997. Reprodução total ou parcial somente mediante autorização prévia escrita do autor.

